

Alunos temem ingressar

Embora os programas de aceleração de aprendizagem sejam saudados pela Secretaria de Educação e por diversos especialistas da área como uma das melhores soluções para a correção do fluxo escolar, seus principais beneficiários — os alunos — estão reticentes sobre suas vantagens.

No caso dos estudantes do Centro de Ensino Médio 2 (CEM-2), o temor advém da escassez de informações e da indefinição sobre o formato a ser adotado. "Ainda está faltando documentação. Afirmar qualquer coisa seria precipitado", explica o diretor da unidade, Antônio Wilson Venâncio.

Em um universo de 1.050 alunos, o centro — um dos

mais bem cuidados da rede pública do Distrito Federal — selecionou aqueles que estavam defasados e os agrupou em oito turmas especiais, divididas nos turnos matutino, vespertino e noturno. As salas estão cheias, cada uma com 42 alunos. Não há mais vagas disponíveis.

Os professores sabem que esses grupos não deveriam ser considerados de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), nem simplesmente Classes de Aceleração (CA) — e que o formato supletivo, que dá o diploma de conclusão de curso com apenas um semestre de atividades, está descartado. "O supletivo, quer queira quer não, perde em qualidade. É uma perda natural", diz Venâncio.

O temor dos alunos, na verdade, diz respeito a certos direitos, garantidos somente para aqueles que cursarem o ensino regular. Em primeiro lugar, eles querem poder participar do Programa de Avaliação Seriada (PAS), da Universidade de Brasília, que pode garantir uma vaga na universidade.

Em segundo, eles esperam poder prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), pré-requisito obrigatório para pleitear bolsas de estudo pelo Programa Universidade Para Todos (Prouni) e que, também, tem valor de "vestibular" para algumas faculdades do País. Finalmente, eles desejam ingressar em estágios supervisionados remunerados.